

LINGUAGEM E PODER

SOUZA, Maristela Ledur de¹

RESUMO: Este artigo sintetiza a formação do sujeito lingüístico e o seu desenvolvimento, destacando a importância da norma culta para as instituições. Tendo em vista que a linguagem é o instrumento primordial para todas as áreas do conhecimento e logicamente para todas as profissões. Entender essa relação é um importante passo para fazer da linguagem uma aliada na conquista das chaves do SABER e do PODER.

Palavras-chave: Comunicação. Linguagem. Saber.

ABSTRACT: This article synthetize the formation of linguistic and your development, emphasizing the importance of cult norm to the institutions. Having in sight that the language is the primordial instrument for all the professions understand this relation is a important pass to do of this language a allied in the conquest of the keys of the know and the power.

Key-words: Communication. Language. Know.

INTRODUÇÃO

Segundo Aristóteles (384-322 a.C.), *“somente o homem é um animal político, isto é, social e cívico, porque somente ele é dotado de linguagem. A linguagem permite ao homem exprimir-se e é isso que torna possível a vida social”*.²

¹ Professora licenciada em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso; Especialista em Administração da Educação Pública pela UFMT. Atua na Rede Pública Estadual de Ensino – Escola Estadual da Polícia Militar Tiradentes, e ministra a disciplina de Língua Portuguesa na Academia de Polícia Militar Costa Verde para o CFO.

² NICOLA, José de. **Gramática, Palavra, texto**. São Paulo: Scipione, 2005.

Partindo da afirmação de Aristóteles, a conotação da palavra político, quer dizer que o homem vive em sociedade, e a vida em sociedade é impossível sem a linguagem.

Há quem pense nos animais irracionais. Será que eles não se comunicam? É claro que sim! Entretanto, é uma linguagem estática e condicionada, constituída pela emissão de sons e comportamentos determinados que garantem a perpetuação das espécies. Já a linguagem humana é fruto do raciocínio e sua expressão é consciente e intencional; dinâmica e criativa; e não meramente instintiva como a dos animais.

Percebe-se, assim, que a linguagem é o motor da sociedade. Ela é instrumento de interação e principalmente a base de todas as formas de organização social.

Numa análise mais detalhada, estabelecendo uma relação entre o desenvolvimento humano e a trajetória da comunicação, verifica-se inicialmente que o primeiro som (o choro) produzido pela criança, é o primeiro instrumento do ser humano para a comunicação, pois é através do choro que a criança consegue obter a atenção dos pais para suas necessidades.

Desenvolvimento da Linguagem

Daí para as primeiras palavras, o desenvolvimento é rápido. A criança começa a falar pela associação e imitação, até que chega num determinado momento em que muitos adultos acham que a criança começa a (des) aprender a língua. Exemplo corrente disto, acontece com a conjugação dos verbos, como “saber”, então a criança ao invés de falar “sei”, diz “sabo”. O que poucos entendem é que a partir deste momento a linguagem começa a se desenvolver com autonomia. Pois se o verbo **saber**, que é da 2ª conjugação, e pela regra geral, na 1ª pessoa do singular, do modo indicativo, tem a desinência **-o**, como **vender**, que é **vendo**; obviamente a criança vai dizer “sabo”, “fazo”, e assim por diante. É lógico que ela não tem a noção da conjugação verbal, mas tem o raciocínio lógico-dedutivo.

Bem, então se todos somos falantes e ouvintes da nossa língua

materna, com exceção, é claro dos deficientes auditivos e portadores de outras necessidades especiais, que possuem os seus próprios códigos de comunicação; por que a língua portuguesa integra a grade curricular nas escolas? Num primeiro momento é para decifrar os códigos escritos, ou seja, alfabetizar. Mas e depois? Para responder a esta pergunta recorreremos ao renomado filólogo Houaiss, que diz: “as redes de escola se institucionalizam para que a língua possa continuar a ter suas funções fundamentais, que são as de fornecer as chaves do SABER e do PODER”.³ E no caso da língua portuguesa o que se aprende não é o número de palavras, que tem mais de 400 mil, mas sim a capacidade de lidar com elas, através dos dicionários, das enciclopédias e outras obras. E ainda, a língua é vetor de toda aprendizagem, porque quando se aprende matemática, biologia, informática e outras disciplinas, se aprende alguma coisa, mais a língua.

Só que infelizmente tem sido constatado que os resultados esperados, por grande parte dos alunos, não têm sido alcançados. A língua, enquanto chave do SABER, não está cumprindo com sua função. Fato este que pode ser comprovado por meio da imprensa que divulga os absurdos resultados obtidos em exames nacionais como o SAEB (Sistema de Avaliação da Educação Básica); o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio); e o Exame Nacional de Cursos, e até mesmo o exame da Ordem dos Advogados do Brasil, em todos estes casos o caos se dá na língua portuguesa.

Não cabe aqui discutir as possíveis falhas no ensino da norma culta, o que se deve é buscar soluções de como melhorar o desempenho dos nossos estudantes. E a responsabilidade pelo ensino da leitura e produção de textos não é exclusiva do professor de língua portuguesa, mas é seu compromisso prioritário. E, neste compromisso destaca-se a construção de mecanismos que busquem a produção indispensável para o desenvolvimento da proficiência da leitura, quando da produção de textos.

quando

³ INFANTE e NICOLA. *Gramática Contemporânea da Língua Portuguesa*. 5 ed. São Paulo: Scipione, 1991.

Ao trazer essa análise para a realidade da Polícia Militar do Estado de Mato Grosso, observa-se que há dois fatores que devem ser contabilizados na questão lingüística. O primeiro deles é a linguagem técnica, específica para a comunicação dentro da corporação, que tem seus códigos exclusivos que visam basicamente a facilitação da comunicação interna.

Já o segundo aspecto é um pouco mais amplo. Há a questão formal que abrange a normatização gramatical presente nas correspondências e documentos oficiais, onde deve atentar-se para a estética, emprego de pronomes, concordância, pontuação, objetividade e clareza. Todavia, para alcançar este resultado, é preciso, além de conhecer a norma culta, utilizá-la de forma adequada.

A maior queixa, não só dos estudantes, mas das pessoas de um modo geral, é que quando vão escrever não conseguem expressar o que pensam. A solução é a prática, o exercício constante aliados à orientação profissional, assim certamente a escrita deixará de ser motivo de apreensão, pois a língua é determinada pela ideologia e pela consciência. E o que vem a ser ideologia? A palavra ideologia foi criada no século XIX, para designar a *teoria geral das idéias*.⁴ Foi Karl Marx quem começou a fazer o uso político dela, quando escreveu junto com Engels “A Ideologia Alemã”. Quando se usa ideologia, não é necessário usar a violência para a dominação de um povo, pois a ideologia age através do convencimento pelas idéias. E qual será o instrumento para se convencer através das idéias? Se você leitor pensou que é a língua, está absolutamente certo. A linguagem presente nos comerciais, nos meios de comunicação, nos discursos age diretamente no pensamento, e “*o pensamento não existe fora de sua expressão potencial e por consequência fora da orientação social desta expressão e do próprio pensamento*”.⁵

Outro ponto que deve ser considerado pelos profissionais de segurança pública diz respeito à oralidade, principalmente ao dirigirem-se aos meios de comunicação ou diretamente às comunidades. Nos

⁴ MARX E ENGELS. **A Ideologia Alemã**. In: ALEIXO, Lúcia Helena Gaêta. Construindo Ideologias. São Paulo: Martin Claret, 2004.

⁵ BAKHITIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2002.

meios de comunicação, principalmente, que atingem um grande número de interlocutores, é comum ver policiais militares cometendo alguns deslizes gramaticais. Exemplo muito comum é utilizar o pronome demonstrativo **mesmo** como sujeito de uma oração:⁶ “O suspeito foi detido, e **o mesmo** foi encaminhado à delegacia”. Muitos não sabem, mas simplesmente não há explicação para se usar esse tipo de construção gramatical, até porque é muito mais simples dizer: “O suspeito foi detido e encaminhado à delegacia”. E, se não houver uma maneira de não usar o pronome demonstrativo, pode-se utilizar **este** ou **esta**. Deve ter-se cuidado, também, com o uso de jargões – termos específicos de uma categoria, porque isso pode comprometer a efetivação da comunicação, isto é, os interlocutores podem não compreender a mensagem. Pois quando o policial militar fala à comunidade tem que adequar sua linguagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todas as considerações expostas até aqui objetivam uma reflexão a respeito da nossa língua materna, pois ela é um poderoso instrumento de comunicação, que envolve a interação do ser humano com a sociedade e com o conhecimento, e para reafirmar busco o célebre gramático Luiz Antônio Sacconi: “*Não há profissional sério que não sinta necessidade de utilizar a norma culta; não há profissional respeitado que não tenha suficientes razões para conhecê-la*”.⁷

BIBLIOGRAFIA

BAKHITIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2002.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de Passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

⁶ SACCONI, Luiz Antônio. **Nossa Gramática: teoria**. São Paulo: Atual, 1990.

⁷ Idem.

INFANTE E NICOLA. **Gramática Contemporânea da Língua Portuguesa**. 5 ed. São Paulo: Scipione, 1991.

MARX e ENGELS. **A Ideologia Alemã**. IN: ALEIXO, Lúcia Helena Gaêta. **Construindo Ideologias**. São Paulo: Martin Claret, 2004.

NICOLA, José de. **Gramática, Palavra, Frase, Texto**. São Paulo: Scipione, 2005.

PLATÃO e FIORIN. **Lições de Texto: Leitura e Redação**. São Paulo: Ática, 1997.

SACCONI, Luiz Antônio. **Nossa Gramática: teoria**. São Paulo: Atual, 1990.
